



ORGANIZAÇÃO Câmara Municipal de Lisboa_ Arquivo Municipal de Lisboa / Videoteca
PARCERIA Museu Calouste Gulbenkian / Coleção Moderna
CURADORIA Inês Sapeta Dias, Maria do Mar Fazenda, Susana Nascimento Duarte
PRODUÇÃO Alexandra Martins, Sara Duarte
GESTÃO DA PARCERIA COM O MUSEU GULBENKIAN Leonor Nazaré
DESIGN Marília Afonso Maranhas
LOGOTIPO Francisca Lima
COMUNICAÇÃO Pedro Cordeiro, Sara Duarte, Susana Santareno

© CNL | DESIGN: CNL/LML



arquivomunicipal de lisboa
videoteca



O QUE É O
ARQUIVO?

Está hoje em curso um intenso debate sobre as consequências das transformações tecnológicas para a gestão arquivística e para a preservação da memória. A transição para um paradigma digital supõe, no entanto, uma destabilização epistemológica mais profunda, com repercussões que vão além do eventual impacto ao nível da política arquivística. Uma transição que implica a nossa própria relação com os arquivos (pessoais e institucionais) e a sua partilha. É assim a própria noção de Arquivo, nas suas diversas acepções, comuns e especializadas, que é interpelada e de certo modo reconfigurada, quando a realidade do arquivo é literalmente posta em movimento pelo seu devir digital. Seja na sua acepção de coleção de traços do passado, de “conteúdo” de arquivo (documentos e registos propriamente ditos), de estrutura ou ordenação do material de arquivo, a digitalização veio perturbar totalmente a ordem arquivística da qual decorrem as significações desta noção. **O que é, então, o arquivo, hoje?**

Durante os próximos anos, o ciclo *O que é o Arquivo?* irá organizar uma série de laboratórios, encontros de trabalho e de discussão, onde, de cada vez, esta pergunta será colocada a partir de práticas e saberes visuais particulares, e de campos de trabalho e investigação específicos. Neste Laboratório I: Arte/Arquivo propomos explorar e mapear as relações entre o Arquivo e a Arte na produção artística contemporânea portuguesa.

Ao longo de três dias, diversos intervenientes na cena artística irão apresentar diferentes abordagens ao tema e partir de zonas e matérias distintas, colocando em questão o cruzamento entre a Arte e o Arquivo: não só porque, através de um uso específico de materiais arquivados, interrogam a lógica pela qual os documentos são vistos nos arquivos tradicionais e institucionais; mas também porque permitem revelar e auscultar as transformações por que passa o arquivo quando é objeto das operações da arte.

As três mesas de trabalho que constituem este encontro entre os artistas e curadores, arquivistas, historiadores ou investigadores, serão orientadas em cada dia do seu programa por uma pergunta diferente.

23 março, 5ª feira

MESA DE TRABALHO 1 | 15h>18h

O que é o Arquivo? Abordagens epistemológica e ontológica

Com apresentação de trabalhos por José Luís Neto e Pedro Lagoa. Seguida de discussão com Ana Bigotte Vieira, António Guerreiro, João Oliveira Duarte e Maria Filomena Molder.

24 março, 6ª feira

MESA DE TRABALHO 2 | 15h>18h

O que pode o Arquivo? Apropriação e reconfiguração de arquivos

Com apresentação de trabalhos por Daniel Barroca e Filipa César. Seguida de discussão com José Manuel Costa, Nuno Faria e Patrícia Leal.

25 março, sábado

MESA REDONDA | 10h>13h

Sintomatologia: o Arquivo na sua relação com as Artes

Estado da Arte das relações entre Arte e Arquivo com apresentações de Ana Janeiro, Anabela Bravo, Antonia Gaeta, Catarina Simão, Célia Ferreira, Elisa Noronha, Filipa Guimarães, Isabel Costa, Magna Ferreira, Maria Ganem, Miguel Bonneville, Rui Dias Monteiro, Rui Mourão, Sandra Camacho e Stefanie Baumann.

MESA DE TRABALHO 3 | 15h>18h

Quando há Arquivo? A tensão institucional na constituição do arquivo

Com apresentação de trabalhos por André Amálio e André Guedes. Seguida de discussão com Ana Gandum, Delfim Sardo e Liliana Coutinho.

ENTRADA LIVRE

O que é o Arquivo?

Com as transformações trazidas pelos novos *media* sociais deixou de ser claro onde começa e acaba o arquivo ou o que está dentro e fora dele. O poder do arquivo passou a ser exercido por todos, sendo que ninguém o possui em particular. Esta “febre do arquivo” (Derrida, 1995) abre a necessidade de (re)pensar o que é o arquivo na sua relação com a determinação da produção do que é visível e dizível, ou seja, em termos foucauldianos, das condições de saber de um dado momento: o nosso. Trata-se de uma problematização de natureza política, que põe em questão o que deve ser visível e o que é esquecido, e que, no campo artístico, interroga o próprio arquivo e sistema da arte.

O que pode o Arquivo?

O fascínio pelo arquivo manifesta-se quer na exigência de tomar parte na prática arquivística, através da fundação de toda a espécie de arquivos e de novos tipos de arquivos, quer na demanda de aceder ao que (já) está guardado no arquivo. Neste contexto, as operações que conduzem ao arquivo podem situar-se entre criação e destruição, crítica e fetichismo, reflexão histórica e desvio artístico. O arquivo é encarado, mais do que como repositório do passado, como meio de intervir estética e politicamente no presente.

Quando há Arquivo?

Como se coloca, ao nível das instituições arquivísticas, a decisão/definição do que pode e deve ser arquivado? E como se relaciona este poder com os gestos não institucionalizados de preservação de objetos, obras, imagens, coleções, movidos pelo desejo, as obsessões e idiosincrasias singulares, individuais e privadas? Como se joga o trabalho do artista na transição entre os dois - do arquivo privado ao arquivo institucional? E como se posiciona, nessa transição, o museu, enquanto lugar de reflexão sobre o arsenal de artefactos artísticos, imagens e taxonomias que governam as suas relações?